

Homenagem de

E. LAPA CARNEIRO

FIGURADO DE BARCELOS

DA INEXISTÊNCIA DE PEÇAS ANTIGAS

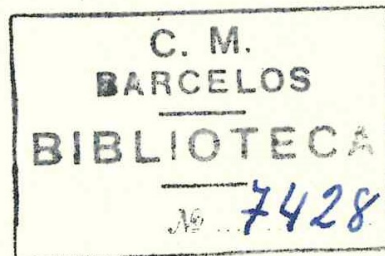
BARCELOS

— 1 9 6 3 —



88(469.12)(04)
AR

Publicado em «O Barcelense», n.º 2734, de 31-8-63



Barcelonina Perm.

REALIZOU-SE o ano passado em Évora, como provávelmente o leitor terá visto nos jornais, a exposição Barristas do Alentejo, que patenteou, a quem lá quis e pôde ir, uma riqueza de que os nossos museus, infelizmente, dão apenas um magro reflexo. Eu fui com os que ficaram, — não fui, embora para tal não me faltasse vontade.

Algumas conclusões, porém, é possível tirar do airoso e bem elaborado catálogo (1), e alguns problemas ele suscitará aos estudiosos da cerâmica figurativa.

Reuniram-se ali cerca de quatrocentas peças que *representam* dois séculos e meio de actividade: XVIII, XIX e primeira metade do actual. Grifei a palavra *representam* e devo abrir já um parêntesis a fim de explicar a razão por que o fiz: Visto que o barro é de sua natureza quebrançoso (2), a duração duma peça, estatisticamente, dependerá da utilização que se lhe der. Assim, as imagens e as figuras de presépio, porque se conservam em oratórios e altares, estão menos sujeitas aos riscos de destruição que as figuras profanas e utilitárias, muito mais ameaçadas estas, quer porque são de uso cotidiano (tal o caso dum paliteiro), quer porque na sua colocação há menos resguardo. Deste modo, não podemos afirmar (nem também negar) ter sido nas regiões cerâmicas do Alentejo mais abundante a produção de imagens que a de figuras profanas, como nos induziria a supor o facto de se encontrarem hoje mais daquelas que destas, conforme se viu na exposição. Realmente, mesmo descontando a interferência dos critérios pessoais dos seus organizadores na provável prévia selecção, ela deve ter dito, a este respeito, a verdade.

Entre os 362 números do catálogo, umas dezenas, mais de 90 (3), são do séc. XVIII. Aqui queria eu chegar para propor uma questão:

Como devemos explicar a tão contrária sorte que se vê sofreram o figurado do Alentejo (Estremoz, Portalegre) e o de Barcelos? Por

que daquele nos ficaram testemunhos do que era em séculos passados (4), e não há deste (ou não se sabe que haja) sequer um exemplar que insofismavelmente prove que no séc. XVIII se fazia figurado em Prado? (5) Ou não se faria?

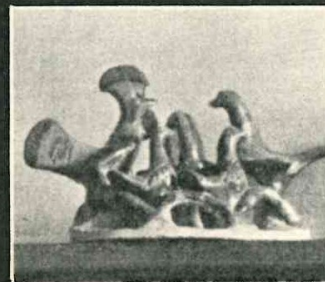
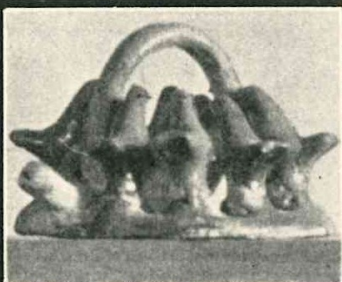
Embora sem o abono de um texto (6), tenho para mim que a resposta à última pergunta deve ser afirmativa. Se admitirmos isto, segundo meu juízo, a explicação que procuramos residirá ou na qualidade do fabrico, ou na fama de que gozava a louça de Estremoz (por extensão, dela beneficiariam os outros núcleos alentejanos), ou ainda nestes dois factores conjugados.

Com base no que anda escrito em livros, cheguei a pôr em ordem algumas considerações sobre os aspectos técnicos (pastas, cozeduras, vidrados) das cerâmicas figurativas que estamos a ver. Não era possível, todavia, com tal base, fazer mais que simples conjecturas a respeito do problema proposto; só o exame directo das peças que figuraram na exposição permitiria adiantar alguma coisa. Por isso, terei em conta, agora, apenas a fama que aureolou a louça de Estremoz; cuido mesmo que sobretudo a ela se deve hoje a existência de algumas dezenas de figuras setecentistas dessa procedência.

Os barros de Estremoz, com serem humildes como qualquer barro, por via da fama, iam à mesa de ricos e poderosos, até de reis. Ainda no fim do século passado parece que assim acontecia, segundo o que diz Charles Lepierre: «...o comércio [das vasilhas de Estremoz] quintuplica e até decuplica o preço de compra, a ponto de tornar esta louça quase exclusiva da classe abastada.» (7) Ora minha opinião é que na categoria social do consumidor está a chave: Nas mãos das classes abastadas não terá a louça mais garantida a preservação?

Consequência, para o nosso caso muito elucidativa, dos diferentes conceitos em que eram tidas as louças do Prado e de Estremoz é um anacronismo patente no *Auto da Lavradora de Ayró* (8), de António de Vilas Boas e Sampaio, autor que devia conhecer, pelo menos razoavelmente, a região de Barcelos, pois, segundo acho escrito (9), foi educado no paço de Vilas Boas, em Airó. Não obstante,

Figurado de Barcelos — Galos, galinhas, ninhadas e um peru. Merecem realce os galos a cantar, que se vêem em baixo, pois uma simples linha ondulada sugere neles o matutino e arrogante canto do galo. Montagem fotográfica de A. Soucasaux. Estas peças faziam parte da colecção de J. S. P. de Vilas Boas e estão hoje integradas no Museu Regional de Cerâmica (Barcelos).



desenvolvendo-se a acção do auto em Airó, onde, sem dúvida alguma, se usavam louças do Prado, «hia Leonor pela sesta para a fonte a buscar agoa»

*Pelo caminho de cima,
com hũa talha apedrada,
pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana.*

Citaram já este passo, que eu saiba, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (10) e Emanuel Ribeiro (11); mas, ou não deram pelo anacronismo, ou não quizeram pô-lo em destaque.

Expressivo e revelador da pouca importância que aqui se atribuía à actividade cerâmica, mesmo considerada tão-só no seu valor económico, é o que diz Amaral Ribeiro (12) já em 1867, quer dizer: depois de incorporadas no concelho de Barcelos as freguesias de Santa Maria de Galegos, S. Martinho de Galegos, S. Vicente de Areias, Lama, etc.: «Não ha em Barcellos industria alguma, quando pela sua posição geographica, e por outras circunstâncias vantajosas, podia, senão exceder, pelo menos egualar outras terras menos favorecidas da natureza, nas quaes se explorão varias industrias artisticas, e fabricis, que fornecendo a seus habitantes trabalho honesto, e lucrativo, dão importancia ao paiz, aperfeiçoão as artes, desenvolvem o commercio, e fomentão os bons costumes, banindo a ociosidade, que é a origem de todos os vicios.» (Vem de longe o desinteresse de Barcelos pela sua indústria do barro!)

Bem sei que na exposição de Évora nem toda a cerâmica era popular; das figuras setecentistas ali reunidas talvez nem um quinto. Porém, a afluência de barristas eruditos aos núcleos cerâmicos alentejanos (e portanto aquilo que por eles foi aí produzido), se não erro, deve-se também à fama de que venho a falar. Com a mesma fama se poderá relacionar ainda a maior delicadeza e estilização do figurado de Estremoz relativamente ao «bárbaro» de Barcelos, sendo de notar que este (é evidente que não me refiro às contrafacções agora produzidas em série) só muito recentemente começou a ser procurado e apetecido por pessoas de gosto cultivado.

NOTAS

(1) Tem um texto assinado pelas iniciais J R e J R P (José Régio e seu irmão Júlio), o inventário das peças e, na edição de luxo, 40 reproduções impressas em *couché*.

(2) *Quebrancoso*: quebradiço, frágil. Arcaísmo vivo na zona cerâmica de Barcelos.

(3) Pelo catálogo, é impossível dizer o seu número exacto. Quem o folhear entenderá porquê.

(4) Não só na cerâmica figurativa Estremoz leva vantagem sobre Barcelos, no respeitante à conservação de exemplares antigos. Diz Virgílio Correia (*Ornamentação popular da louça de Estremoz*, in *Atlântida*, ano I, n.º 3, 15—1—1916, p. 248): «Do vasilhame antigo, dada a proverbial fragilidade da sua materia prima, restam-nos apenas, conservados por verdadeiro milagre em igrejas e capelas sertanejas, alguns exemplares de jarras de puro estilo do renascimento, modeladas como peças de ourivesaria. As peças de uso, porem, perderam-se todas.»

(5) Se fosse caso para isso, não seria difícil, ao que suponho, obter fragmentos de bonecos antigos, fazendo escavações nas freguesias onde se fabricam. Tenho um que, na opinião do barrista que o encontrou, nuns entulhos junto da sua oficina (em St.ª M.ª de Galegos), deve ter uns oitenta anos

(6) Ao que suponho, as mais antigas referências às louças do Prado são as do P.º António Carvalho da Costa (*Crografia Portuguesa, e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, t. I, Lx.ª, M. DCC. VI, pp. 247 e 251), mas aí fala-se apenas de vasilhame e de telha. Depois, só a partir dos fins do século passado, por mão dos etnógrafos, elas merecem mais cuidada atenção.

O dito atribuído a Fr. Bartolomeu dos Mártires (José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, t. I, Lx.ª, 1886, p. 408) anda citado e repetido talvez sem possuir o valor que se lhe atribui. Conforme já prometi, espero debruçar-me sobre o assunto.

(7) *Estudo Químico e Tecnológico Sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna*, 2.ª ed., Lx.ª, 1912, p. 71. Sobre a fama das louças de Estremoz, *vd.* Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*, Coimbra, 1921, *passim*.

(8) In *Poesias*, Coimbra, 1841. A 1.ª ed. é de 1678.

(9) Na «Breve Noticia Acerca da Vida, e Escritos de Antonio de Villasboas e Sampaio», p. XIV, inserta em *Poesias*.

(10) *Ob. cit.*, p. 22.

(11) *Agua Fresca*, Porto, s. d., p. 13.

(12) A. M. do Amaral Ribeiro, *Noticia Descritiva da Muito Nobre e Antiga Villa de Barcellos*, 2.ª ed., Barcelos, 1867, pp. 7 e 8.

COMPOSTO NA OFICINA DE « O BARCELENSE »
E IMPRESSO NA COMPANHIA EDITORA DO MINHO

biblioteca
municipal
barcelos



7428

Figurado de Barcelos